

Blumenau



em cadernos

TOMO XXV

Setembro de 1984

Nº. 9

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

IMOBILIÁRIA D. L.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Setembro de 1984

Nº. 9

SUMÁRIO

Página

Figuras do Passado	258
A greve operária de 1933 e a formação sindical em Brusque.....	259
Martinho Bugreiro, criminoso ou herói?	263
Cinema em Blumenau	273
Festa do Imigrante em Blumenau repercute em Hamburgo	276
O mais idoso industrial de Santa Catarina	277
Diário de viagem do imigrante Paul Schwartzer	278
Importante intercâmbio entre Blumenau e Wolfsburg	281
A História de Blumenau Revela:	282
Particularidades interessantes	284
Min. do Interior da Alemanha, Dietmar Schlee em Blumenau... ..	286
Aconteceu... Agosto de 1984	287

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 5.000,00

Número avulso Cr\$ 500,00 -- Atrasado Cr\$ 750,00

Assinaturas p/o exterior Cr\$ 8.000,00 mais o porte Cr\$ 3.000,00 total Cr\$ 11.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Figuras do Passado

HEINRICH PROBST

Por Frederico Kilian

Completando, este ano, a Firma PROBST, 115 anos de existência, é justo que, merecidamente, "Blumenau em Cadernos" registre aqui, para a atual geração e futuros pesquisadores do desenvolvimento comercial e industrial de Blumenau, a figura marcante de HEINRICH PROBST, um dos pioneiros no ramo do comércio e indústria da colônia de Blumenau e cujo estabelecimento inicial se desenvolveu, nestes 115 anos, para um dos mais conceituados e bem firmados estabelecimentos comerciais da atual Blumenau.

Heinrich Probst nasceu em 8 de setembro de 1843 em Heimstedt, na Alemanha. Aos 17 anos de idade emigrou para a então colônia de Blumenau. Aqui casou-se com Caroline Koehler, em 13 de dezembro de 1867, cuja união foi abençoada com 11 filhos: Clara, Gustav, Julie, Agnes, Julius, Richard, Thekla, Ottilie, Victor, Alice e Johanne, todos já falecidos. Heinrich Probst, que era pai-deiro de profissão, estabeleceu-se, no ano de 1869, com uma pequena padaria, na então denominada "Alameda das Palmeiras" hoje "Duque de Caxias", num terreno nas proximidades do antigo "Teatro Frohsinn", hoje ocupado pela CELESC. Era o advento de uma pequena empresa fundada

apenas 19 anos depois da fundação da colônia de Blumenau, e que se desenvolvendo, haveria de acompanhar até os nossos dias, sem interrupção, a própria vida de Blumenau. Muito cedo viu Heinrich Probst coroado de êxito o seu empreendimento, fato que o animou a mudar-se para um prédio maior, no lado oposto da Alameda, na esquina com a rua 15 de Novembro. Simultaneamente com a mudança, tratou de anexar à padaria um negócio de secos e molhados, em seguida uma livraria e papelaria, com oficina impressora e um pouco mais tarde uma loja de ferragens e ferramentas.

Em sociedade com Frederico Busch e Hermann Sachtleben, adquiriu no bairro do Garcia uma pequena tecelagem, que logo foi ampliada, desenvolvendo-se no decorrer dos anos à então conhecida Empresa Industrial Garcia, hoje incorporada à Artex.

Com a morte de Heinrich Probst e retirada de Frederico Busch, a firma passou a ser administrada pelo seu filho Julius, tendo este transformado a fábrica de tecidos em sociedade anônima. Heinrich Probst tornou-se credor da estima de todos os seus concidadãos, dada a sua retidão de caráter, sua energia, pon-

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

deração e sentimentos humanitários. Sua conduta exemplar lhe valeu a amizade e a confiança do Dr. Blumenau, que ao retirar-se do Brasil, nomeou a Heinrich Probst seu procurador, para cuidar de todos os seus negócios, em especial da venda de imóveis em Blumenau, encargo que perdurou até a morte do Dr. Blumenau.

Também na vida política de Blumenau, Heinrich Probst teve atuação marcante, como também na administrativa do município,

notadamente no período mais agitado da vida deste, à frente da Câmara Municipal, que presidiu, de 2 de março de 1893 a 16 de abril de 1895. Sua presença ativa acha-se registrada em quase todas as sociedades culturais e recreativas da cidade, quer na diretoria, quer como sócio. Foi Juiz de Paz e fez parte ainda da administração do Hospital Municipal e da diretoria de Escola Nova. Faleceu Heinrich Probst em 13 de janeiro de 1906, com a idade de 62 anos.

A greve operária de 1933 e a formação sindical em Brusque

Dedicado ao Afonso Imhof, pelos seus estudos da greve de 1952

Autoria: Prof. Aloisius Carlos Lauth

Queremos mostrar a participação dos políticos liberais na greve de 1933, numa tentativa de alcançar representação política na projetada Constituição de Getúlio Vargas. Deste esforço nada resultou senão na criação do **Sindicato dos Operários em Fábrica de Tecidos de Brusque**, carente, os seus membros, de consciência da realidade social do trabalhador têxtil.

1.0 — CONJUNTURA SÓCIO-POLÍTICA

Por um conjunto de decretos presidenciais, Getúlio Vargas tentou resolver o problema da suposta "superprodução" dos cotonifícios entre 1930 e 45. Agravando a situação, o preço médio do algodão cru, entre 1931 e 1936, permaneceu abaixo dos valores registrados antes da crise de 29 (1). Tais decretos criavam tarifas, restrições à importações de maquinaria, limite das horas de trabalho, salário mínimo e incentivos à exportação... Os interesses da classe patronal, entretanto, incompatibilizaram-se com esta formulação política, ansiosos que estavam da expansão industrial. Também o operariado sentiu-se inseguro diante da implantação destas medidas getulistas na indústria e comércio. Os operários, à época da depressão, preferiram tra-

(1) A moderna história econômica, p. 230 ss.

balhar horas extras, mesmo voltando à noite, do que perder 20% dos salários.

Uma resposta às pretensões políticas a estas frentes surgiu na Assembléa Constituinte de 1933 que "preparou uma nova Constituição prevendo representação funcional na Câmara dos Deputados. Os sindicatos de empregados e empregadores elegeriam, indiretamente, um sexto dos deputados"(2). Embora frustrada a previsão, no plano social aconteceram fatos tendentes a realização destes apelos. Um deles é a criação do Sindicato dos Operários, em Brusque.

Da forma como o Governo permitiu a institucionalização, o Sindicato ficou descaracterizado como órgão de luta. Dentro da "weltanschauung proletária", da filosofia marxista, a luta sindical tem caráter político e revolucionário, resultado das etapas de:

- a) consciência coletiva das condições de vida;
- b) período de agitação social; e,
- c) ajustamento e formação sindical.

Os operários têxteis, em Brusque, permitiram a politização dos anseios, com a infiltração de grupos liberais, esvaziando assim a conscientização das condições de vida do trabalhador.

Os correligionários liberais almejavam representação política em futura legislatura. E tinham se saído muito bem na eleição para Representantes à Assembléa Constituinte, a 03 de maio de 1933. Os resultados no município foram estes:

Partido Liberal Catarinense	—	1.266	votos
Partido Republicano Catarinense	—	658	"
Legião Republicana Catarinense	—	190	"
Partido Social Evolucionista	—	195	"
Estado Leigo	—	278	"

A tendência do pleito já tinha sido fruto da indicação para Prefeito Provisório do liberal Rodolfo Victor Tietzmann. Mais tarde, Deputado Estadual e Secretário no Governo. A reação dos republicanos se fará sentir no pleito do ano seguinte, quando os resultados serão estes:

Coligados Republicanos	—	664	votos
Liberais	—	638	"
Integralistas	—	540	"

A disputa política entre ambos e o assoreamento da situação, a nível nacional, abrirá espaço a ordem social integralista, como se observa nas eleições municipais de março de 1936:

Partido Integralista	—	977	votos
Partido Liberal Cat.	—	797	"
Partido Repub. Cat.	—	137	"

(2) Idem, Ibidem, p. 237.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

Este panorama nos sugere o apoio do operariado as questões sociais na política local. E este apoio explica a investida dos liberais na iniciação sindical, cuja instituição lançaria políticos e faria política.

2.0 — A LIGA OPERÁRIA BRUSQUENSE

A implantação da jornada diária de 8 horas de trabalho e conseqüente redução de 20% nos vencimentos de salário desgostou os operários brusquenses. Dos boatos, os grupos passaram a aderir ao "movimento de resistência", numa tentativa de negar a redução salarial. O movimento aconteceu em abril de 1933, nos portões da F.R.

Por ocasião da passagem do Dia do Trabalho, uma comissão operária, escolhida pela Diretoria Social do Salão Pomerânia, organizou um baile comemorativo. Liderava a comissão, um militante do Partido Liberal Catarinense. O "baile operário" confraternizou os empregados das 4 indústrias têxteis e foi usado pelos liberais para infiltrar idéias de se agilizar o "movimento de resistência", já iniciado. A ocasião permitiu brindes de apoio e se constituir uma associação de classe que, na opinião de todos, tomaria o nome **Liga Operária Brusquense**. O final do baile culminou numa passeata matinal no centro da cidade para desgosto do Vigário, comprometido com o sistema vigente.

A adesão destes novos voluntários paralisou, praticamente, diversos setores da citada indústria nos primeiros dias de maio. Muitos tecelões paralisaram os trabalhos em função de amigos, enquanto outros realizavam a "operação tartaruga". A greve se definiu como pacífica, estando liderada pela Diretoria Social do Salão Pomerânia, junto a uma das fábricas. Os patrões tentaram convencer os empregados do retorno e da ilegalidade de suas atitudes. O diálogo entre as partes, entretanto, mostrou a diferença de aspirações e vivências passando a ofender o orgulho dos inferiores. Um "slogan" passou a representar este sentimento ferido: "Quem não tiver o que comer, que coma massa" (resíduo de fécula). Tais fatos foram explorados nos jornais pelos liberais, acusando a oposição de políticos insensíveis. A greve estava deflagrada.

3.0 — A ASSOCIAÇÃO SINDICAL

Um grupo de operários das 4 indústrias têxteis decidiu, a 6 de maio de 1933, criar o "**Sindicato dos Operários em Fábrica de Tecidos de Brusque**". Na mesma oportunidade, foi apreciado o Estatuto cuja rapidez na elaboração demonstra a eficiência e planejamento dos políticos liberais. A redação dos mesmos supõe a pena de um advogado tamanho é o estilo e a abrangência dos artigos.

Observa-se haver nenhuma intenção expressa dos líderes em causar rixa com os patrões. Os objetivos são claros e específicos, não delimitando a ação quando fala das melhorias das condições de trabalho, tais como a subserviência, o trabalho braçal, a assistência a enfermidade, etc. E exprime a insegurança do momento quando propõe uma "Agência de Colocação" para empregados demissionários. Direciona a atividade sindical, em estilo humanista, para o saneamen-

to das carências sociais, não observadas até então pelos patrões e governantes: analfabetismo, treinamento profissional específico, desemprego no luto, etc. Se analisarmos os dados dos 138 operários que votaram a 1ª Diretoria, na Assembléia Geral de 18 de junho, perceberemos a dependência dos líderes aos mentores políticos liberais.

4.0 A REAÇÃO

Definida a associação, os patrões voltaram atrás de algumas medidas administrativas e a greve findou a 12 de maio. O primeiro atrito estava vencido. E foi abençoado pelo Min. do Trabalho com a assinatura da "Carta sindical" de 22 de junho de 1933 e assumida assim a representação sindical dos operários têxteis.

A reação dos patrões virá anos depois, sendo instigado pelo Min. Agamenon Magalhães (3), resultando daí a formação do Sindicato das Indústrias Têxteis, no ano de 1937.

De 1933 e 1952, o Sindicato viveu diversos períodos, mais caracterizado pelos ideais do seu presidente do que propriamente por uma formulação política, da qual tinha sido originária. Toda e qualquer política dentro da atividade sindical fora banida com o Estado Novo. Durante aquele período, observa o leitor, esteve o sindicato sob a intervenção da IRT, que em 1939 alterou seu nome para **Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Brusque**. Já o retorno a democracia, em 1945, incutiu a discussão e participação dos operários nas negociações sindicais, cujas greves de 1948 e 1952 revelariam as primeiras consciências coletivas das condições de vida do trabalhador têxtil, sem contudo uma participação política, senão o voto. Estas manifestações estavam empregnadas de uma oposição patronal bem mais acirrada que a greve de 1933 e será vista em outras oportunidades.

(3) Entrevista em "O Progresso" — Brusque, 28.09.36

BIBLIOGRAFIA

1. PELAÉZ, Carlos Manoel. **A moderna história econômica**. APEC, Rio de Janeiro, 1976.
2. ERICKSON, Kenneth Paul. **Sindicalismo no processo político no Brasil**. Brasiliense, São Paulo, 1979.
3. ———— **A vida de um sindicato**. Tip. Leão Dehon, Brusque, 1960.
4. **Jornal O PROGRESSO**. Brusque, 1933.
5. ———— **O Partido Republicano Liberal e seu programa**. Of. Globo, Porto Alegre, 1933.
6. Documentos originais do autor.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil Blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Martinho Bugreiro, criminoso ou herói?

Enéas Athanázio

I

Já nos dias em que ouvia, na minha terra, os relatos dos tropeiros e dos viajantes, eu observava o profundo temor que tinham dos índios e dos seus ataques. Toda a viagem da Serra ao Vale do Itajaí ou ao Litoral era um perigo constante. Em cada passo lamacento, picada estreita, subida íngreme ou curva fechada poderiam estar eles, tocaia-dos para o ataque de surpresa contra aqueles que invadiam seus domínios na condução de tropas de mulas para o comércio ou de cargueiros em que levavam seus mantimentos. Grandes conhecedores da região e muito hábeis na locomoção pelas matas, seu **habitat** natural, os índios levavam vantagem nas suas acometidas, mesmo contando os brancos com armamento superior. Foram incontáveis as histórias que ouvi, muitas delas envolvendo pessoas cujos nomes eram referidos com a veneração devida

aos heróis populares. Embora o receio ao silvícola me parecesse algo tão distante que chegava ao irreal, para tais contadores de casos constituía um sentimento



O lendário Martinho Bugreiro

que lhes enchia o peito e eu ficava admirado quando percebia nesses o ódio votado aos verdadeiros inimigos. Esses homens rudes não viam os índios com os nossos olhos meio românticos de hoje em dia, mas como aqueles seres morenos e rijos, rápidos e traiçoeiros, prontos a vará-los com suas lanças e flechas na primeira oportunidade.

Esse temor, porém, não era apenas dos viajantes. Ele transparece nítido do trabalho dos pesquisadores, baseados nos documentos que registram a história do Vale do Itajaí e de outras regiões do Estado. Não são poucos os depoimentos que revelam, particularmente em Blumenau, o horror causado pela presença dos índios nos colonos espalhados pelas suas propriedades, quase indefesos e entregues à própria sorte em meio à mata exuberante. Mesmo na literatura de ficção o tema encontrou eco e muitas páginas vivas e movimentadas recriaram os ataques, raptos, furtos, incêndios e danos de que foram vítimas muitos dos pioneiros e suas famílias. Alguns desses acontecimentos tiveram repercussão e ganharam foros de eventos históricos.

Dentre os estudiosos da vida pregressa do Vale, destaco o Prof. José E. Finardi. Num dos seus mais conhecidos livros (1), obra que tive ocasião de comentar, dedica todo um capítulo ao problema dos índios, sem falar nas constantes referências que a eles faz no correr do seu ensaio, bem reveladoras das preocupações causadas. Algumas passagens merecem ser aqui transcritas, pois mostram o clima reinante em toda a "Colônia Dr. Blumenau" e

mais precisamente na região de Acurra:

"Entre os padecimentos que affligiam os pioneiros moradores de Acurra e Guaricanas, sem dúvida que uma boa parte era devida aos índios — "i bulgheri" ou os "bugres" como eram então conhecidos. Atacando sempre de surpresa, obrigavam os colonos a viverem em constantes sobressaltos, especialmente os que moravam mais afastados. Estes, de dia trabalhavam com muito medo, roçando um pedacinho do mato e construindo um pouco da casa; e, à noite, alguém tinha que ficar montando guarda". (Págs. 124/125).

Mais adiante:

"Esses ataques haviam-se generalizado por toda a Colônia, obrigando o Dr. Blumenau a tomar sérias providências na defesa dos colonos ameaçados, tendo em vista o não atendimento aos seus sucessivos apelos dirigidos à presidência da Província, no sentido de se constituir também na Colônia, uma companhia de "Batedores de Mato", cuja finalidade era espantar o gentio em constantes excursões pelas florestas, sem, no entanto, matá-los." (Pág. 125). "Os índios que assaltavam em Acurra e Guaricanas — informa o autor — foram sempre os da tribo dos "Botocudos" — assim chamados em razão dos botoques que usavam no lábio inferior, isto é, tinham o lábio furado e usando aí um botoque ou disco. Eram de estatura mediana, complexão robusta, pescoço curto, peito largo, cabelos longos e pele lisa e cobreada."

Registra o autor diversos ataques praticados naquela região da Colônia e nos quais ocorreram

mortes e saques aos pertences dos colonos. Entregues à própria sorte, trataram estes de organizar seus "grupos bugreiros", integrados pelos mais valentes, realizando batidas nas matas próximas, embora não se arriscassem a procurar os índios nos seus esconderijos distantes. Ainda que revelando decisão e iniciativa, além de alguns resultados práticos imediatos, é evidente que esses grupos não constituíam solução para o crucial problema. Era indispensável a presença do Poder Público, protegendo os colonos dos ataques e evitando o extermínio indiscriminado dos gentios. Mas essas providências, apesar dos apelos, tardaram, denotando que já naqueles dias a máquina administrativa sofria de crônica lentidão. Criavam-se assim as condições para a intervenção de um novo personagem.

É nesse contexto histórico que surge uma das figuras mais curiosas da crônica regional: Martinho Marcelino de Jesus, mais conhecido como Martinho Bugreiro, o mais célebre exterminador de bugres de que se tem notícia e seu fantástico grupo de "caçadores" de seres humanos, uma espécie de "Esquadrão da Morte" do final do Século passado e início deste. Despertando o fascínio das camadas populares ou a repugnância das pessoas mais sensíveis, sua biografia contém aspectos interessantes e contraditórios que estão a merecer um comentário.

Não desejo aqui traçar-lhe uma biografia convencional, mas apenas abordar algumas facetas de sua vida, reveladoras dos expedientes paradoxais de que o homem muitas vezes se vale pa-

ra implantar a sua civilização. Nem pretendo também esgotar um tema tão vasto e fascinante, mas esboçá-lo no que me parece mais intrigante nas atividades dessa figura lendária cuja coragem enchia de assombro e admiração os pacatos imigrantes.

Todo este sucinto trabalho está calcado na esgotante pesquisa elaborada ao longo de muitos anos pelo historiador blumenauense José E. Finardi, autor de apreciados estudos a respeito da colonização da região, cujo depoimento, escrito ou oral, é invocado a cada passo. A ele devo igualmente a franquia de seu substancioso arquivo, repleto de documentos e fotografias, incluindo aquelas que ilustram este texto.

Por uma coincidência admirável, concluo estas notas ao avizinhar-se o mês de setembro, cujo dia 14 assinala os 70 anos da pacificação dos índios, hoje aldeados em Rio Plate, afluente do Rio do Norte, no Alto Vale do Itajaí. Foi com efeito em 14 de setembro de 1914 que Eduardo Lima e Silva Hoerhan viu coroados seus esforços de atração e pacificação dos gentios com a sua instalação, promovida pelo Serviço de Proteção aos Índios, em local definitivo. Encerrou-se aí a fase de perseguição e extermínio sistemático dos índios que habitavam o território colonial, embora até hoje não tenha cessado a exploração de que são vítimas por parte de inescrupulosos. A ação de Martinho Bugreiro, impondo a paz pela força das armas, era relegada à história, substituída pela ação de Eduardo, obtendo a mesma paz através da fraternidade humana. Cada qual a seu modo,

com métodos diversos e dentro de determinadas circunstâncias, buscou idêntico objetivo: a tranquilidade para que os habitantes do Vale pudessem criar uma esplêndida civilização.

II

Para bem compreendermos a atuação de Martinho Marcelino de Jesus, é necessário remontarmos aos primórdios da colonização do Vale do Itajaí, mais precisamente da "Colônia Dr. Blumenau", naqueles tempos de propriedade exclusiva do filósofo e químico alemão Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. Foi aí que se desenvolveu boa parte da estranha atividade de Martinho Bugreiro.

Estabeleceu-se o Dr. Blumenau, em 1850, com apenas 17 colonos, às margens do Ribeirão da Velha, aqui na cidade que leva o seu nome. Logo nos primeiros anos foram os povoadores atacados pelos índios que habitavam a região. O primeiro desses ataques foi desfechado contra a choupana do próprio Dr. Blumenau, ausente na ocasião, em viagem a Desterro. O casebre foi destruído e todos seus pertences foram danificados pelos atacantes. O fato ocorreu a 28 de dezembro de 1852 e foi comunicado ao chefe da Colônia por carta que lhe foi endereçada pelo professor Fernando Ostermann, o qual participou da refrega, enfrentando o grupo de atacantes e na qual perderam dois índios.

"Esse fato e os posteriormente ocorridos — informa o Prof. Finardi — provocaram pânico entre os colonos, obrigando o Dr.

Blumenau a pleitear do Presidente da Província a companhia de "Batedores de Mato" estabelecida no arraial do Belchior. Esses ataques dos índios aos colonos, à medida que estes se estabeleciam nas diversas linhas de frente, re-crudesceram e foram tão amiúdes a ponto de criar pânico geral na Colônia, ensejando ao Dr. Blumenau sucessivos pedidos ao Presidente provincial, João José Coutinho, a estabelecer uma turma de "Batedores de Mato", permanente, o que, mais tarde, aconteceu, com a transferência do grupo de Belchior. Mas este, composto de meia dúzia de caboclos maltrapilhos, esfomeados e sobretudo mal armados, pouco adiantou, motivo por que foram recolhidos a Florianópolis."

Era uma esperança que se esvaía e os pioneiros, atirados à própria sorte, viam recrudescer os ataques nas diversas linhas em que se expandia a colonização. Percebendo a atmosfera de medo reinante entre os colonos, os índios se tornavam mais afoitos nas suas investidas.

Desanimado de obter uma patrulha permanente para espantar os silvícolas, o Dr. Blumenau instruiu os colonos para organizarem, em cada linha colonial, seus "grupos bugreiros", o que realmente aconteceu. Esses grupos, nas suas batidas pelas matas, travaram muitas lutas e atacaram os índios.

"Nos vários encontros havidos — escreve o historiador referido — muitos índios foram aniquilados, haja vista o número de

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

arcos e flechas que não poucos colonos vaidosamente ostentavam dependurados na sala principal de sua casa, como prova de extermínio de um bugre" (2).

A notícia da criação dessas equipes de colonos bugreiros correu mundo e chegou aos ouvidos de Martinho Marcelino de Jesus, nessa época entregue à perseguição dos bugres nas matas cortadas pelo picadão que conduzia a Lages. Natural de Angelina, nas imediações de Florianópolis, ele residia em Taquaras, no caminho Palhoça-Lages. Ali os índios lhe haviam dizimado a família, matando sua esposa e dois filhos. Inconformado, ele se lançou à caça implacável dos causadores dessa desgraça.

Martinho já era famoso. Sua fama resultava do sucesso que obtinha naquela região e, mais tarde, no Sul do Estado e Brusque, para onde fora requisitado, nas suas investidas contra os índios. Essa notoriedade do bugreiro chamou a atenção dos povoadores de Blumenau que, em grupos, se apressaram a procurá-lo e contratá-lo. Mas para isso eram necessários recursos com que financiar suas despesas e dos homens que ele contratava, em torno de vinte e cinco, para constituírem o seu "esquadrão". O meio encontrado foi a abertura de "listas de subscrições" ou "abaixo-assinados" para angariar donativos em dinheiro. Dessas subscrições públicas se encarregavam não apenas os colonos mas também as próprias autoridades locais e demais interessados, a exemplo do Superintendente Alwin Schrader, da direção da Colônia Hansa e outros, inclusive o engenheiro Joaquim Breves, en-

tão diretor da comissão de estudos para a construção da "Estrada de Ferro Santa Catarina", quando atuava na região de Rio do Oeste. Tais listas se encontram, no original, no Arquivo Histórico de Blumenau e foram examinadas, uma a uma, por Finardi.

Convertido à estranha profissão de caçador de índios, Martinho não titubeou em aceitar o convite. Organizado, municiado e com o respaldo de grande parte da opinião pública, ele deu início à "limpeza" das zonas ocupadas pelos colonos. Embrenhando-se nas matas e realizando sucessivas emboscadas, obrigou os silvícolas a se afastarem para regiões distantes, onde passaram a praticar sangrentas investidas, como ocorreu no assalto em Guaricanas, hoje município de Ascurra, quando mataram a pauladas Giuseppina Schiochet, de 36 anos, esposa do colono Francisco Schiochet, e mais a filha de nome Emília, de 11 anos, que foi estrangulada. O fato ocorreu no início do Século, a 25 de novembro de 1902. Esse episódio e outros de maior repercussão e gravidade estão registrados com maiores minúcias no livro anteriormente referido e mostram como a ação do bugreiro, reprimindo os ataques, foi se alargando pelo território do Vale.

Das muitas emboscadas que realizou, Martinho trazia sempre mulheres e crianças indígenas, — meninas, — que entregava ao Juiz de Direito da comarca, Dr. Ayres de Albuquerque Gama, que as encaminhava aos cuidados das irmãs do Convento da Divina Providência, onde eram bem tratadas e algumas confiadas a famílias abastadas da cidade, que as ado-

tavam. Além dessas presas, entregava ao magistrado não só os arcos, lanças, flechas e outros apetrechos, como também prestava contas, devolvendo o dinheiro que sobrasse, angariado nas subscrições, e que era repassado pelo juiz às irmãs para sustento e criação das indiazinhas. Muitas delas vinham a morrer precocemente, incapazes de se adaptarem ao novo sistema de vida e sem defesa diante das moléstias do homem civilizado. A propósito, escreveu Jorge Medeiros da Silva:

“Todas as tentativas de aculturação do índio fracassaram.

Não assimila convenientemente os elementos novos que se lhes impõem, além de que isto representa, cientificamente, um atentado ao modo de vida dos povos assediados” (3).

A mais importante emboscada, considerando o número de bugres capturados, ocorreu em Rio das Pombas, onde Martinho chegou com sua turma em dezembro de 1906. Trouxe consigo dez índios: duas mulheres, cinco meninas e três rapazes botocudos. Nenhum homem adulto. Todos foram, como de costume, entregues ao Juiz de Direito e por este



O lendário MARTINHO MARCELINO DE JESUS — mais conhecido por “Martinho Bugreiro” (o que está assinalado no círculo) — o mais célebre exterminador de bugres que se conhece — vendo-se Belarmino Luciano seu lugar-tenente, mais os cinco companheiros de ataque e doze outros da retaguarda “ocupados no transporte de munição de boca e de guerra e na bagagem”. Foto tirada em 1906, após a investida feita na zona do Braço do Oeste, onde foram capturadas duas índias, cinco meninas e três rapazes, além de muitos arcos, flechas e lanças. (Legenda do pesquisador José E. Finardi).

encaminhados ao convento. Na incursão Martinho encontrara 199 pousos e ranchos no que se presume ter sido o grande acampamento dessa zona. A julgar pela quantidade de pousos, os índios seriam mais de duzentos. Nesse embate Martinho perdeu um homem, varado por uma flechada mortal, seu cunhado e "lugar-tenente" Belarmino Luciano, natural de Apiúna e que posa garboso ao lado do chefe na foto que aqui publicamos. Outro de seus homens foi ferido no braço.

É interessante observar que o bugreiro era escrupuloso nas suas contas, cioso de resguardar o seu nome de homem honesto e respeitador do patrimônio alheio. A perseguição, o ataque, o aprisionamento e até mesmo a morte dos bugres parece que não o afetavam e nem alteravam as regras de comportamento entre os brancos.

Embora não se tenha idéia de quantos índios exterminou, é fora de dúvida que foram numerosos. Mas mesmo assim nunca foi tomada qualquer providência de ordem legal contra ele. Não é registrada pelos pesquisadores a instauração de um só inquérito policial, ainda que suas atividades fossem públicas e notórias, ganhando inclusive as páginas dos jornais. Não eram ignoradas pelo juiz Albuquerque Gama e pelo promotor público Francisco Antônio das Oliveiras Margarida e nem tampouco pelas demais autoridades.

É evidente que as investidas de Martinho contra os índios provocavam discussões e debates, não apenas entre as pessoas do povo mas principalmente na ca-

mada mais esclarecida da população. A polêmica movimentou a imprensa, apaixonando a opinião pública. Os moradores da cidade e os colonos do interior tomavam posição a respeito do problema e os jornais desse período registram os debates travados.

A atividade de Martinho e de seus financiadores teve o apoio decidido do advogado e jornalista Dr. Eugênio Fouquet, diretor e redator-chefe do jornal "Der Urwaldsbote" ("Mensageiro da Mata"), de grande influência na região do Vale. Em suas páginas o famoso jornalista enaltecia a atuação das autoridades em favor dos colonos, frequentemente atacados e mortos, vivendo as comunidades em contínuos sobressaltos. Aconselhava a reação violenta contra os "malfeitores", visando aniquilá-los.

Em posição oposta colocou-se o Dr. Hugo Gensch, assumindo a defesa dos "pobres gentios". Médico humanitário, há muitos anos clinicando em Blumenau, sua pena brilhante rebatia em termos violentos a campanha liderada pelo jornalista. Exigia que os silvícolas fossem afugentados e não exterminados quando saqueavam os colonos em suas propriedades.

Mas ele esquecia, — afirmavam os partidários da outra corrente, — que nesses saques contra os colonos os índios furtavam os animais domésticos, ferramentas e utensílios, roupas e outros pertences que encontravam. Tais ataques já passavam de sessenta, com 28 assassinatos, sem falar nos incêndios das choupanas e outros prejuízos. Mas apesar dessa posição, o próprio Dr. Gensch,

que tanto verberava o procedimento do bugreiro e das autoridades que o apoiavam, veio a adotar uma das indiazinhas capturadas. O fato é comprovado, inclusive por fotografia (4).

Desse estado de coisas surgiu, finalmente, o Serviço de Proteção aos Índios, com sede em Florianópolis. Ele se limitava a ameaçar de punição os que aniquilassem índios. Deveriam ser apenas espantados, sem que lhes fosse causado qualquer mal — recomendava a nova entidade. Foram então organizadas “Turmas de Atração”, com o objetivo de pacificar os índios e que não deram qualquer resultado. É proposto o nome de Martinho para a missão de buscar os bugres no mato e trazê-los vivos, como ele já havia provado ser possível nas inúmeras incursões que efetuara. Os adeptos da catequese, como era de esperar, repeliram a proposta “acintosa”, verdadeiramente indignados, afirmando que ele não passava de um “degolador de bugres”.

Depois de diversas tentativas fracassadas por parte dos encarregados da pacificação, o funcionário Eduardo Lima e Silva Hoerhan, cheio de coragem e agindo sozinho, conseguiu aproximar-se dos indígenas. Obtendo a confiança deles, pacificou-os e organizou o aldeamento de Rio Plate, criando-se então o “Posto Duque de Caxias”, onde até hoje permanecem. Os aldeados na época não passavam de 160 índios.

Com a pacificação e o aldeamento cessaram os ataques aos colonos e a paz permitiu que eles se entregassem ao trabalho livres dessa preocupação. Martinho Marcelino de Jesus, o Martinho Bugreiro, estava sem função. Caiu no ostracismo, quase nada se sabendo a seu respeito daí em diante.

III

Pouco se conhece a respeito do bugreiro antes de sua entrada em cena, após o extermínio de sua família pelos índios. Os depoimentos retratam um caboclo simples, um homem comum. Alto, de corpo equilibrado, embora magro, nariz um tanto afilado, rosto moreno. Seus olhos acentuadamente perscrutadores traduziam certa tristeza, mal escondendo a tragédia que lhe marcara a vida.

Ágil e sobretudo corajoso, conhecia com perfeição a mata e os seus segredos. Observou os indígenas, seu costumes, seu modo de vida, suas formas de ataque e pilhagem de casas, roças e estábulos. Desvendou seus truques para esconder-se e aprendeu a distinguir os indícios deixados nas matas para localizá-los sem ser pressentido, tarefa deveras difícil. Para os índios, seres criados em meio à natureza virgem daqueles dias, qualquer touceira ou arbusto era um esconderijo. A camuflagem perfeita era questão de sobrevivência, fosse nas “esperas” à caça que servia de

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade de que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

alimento, nas guerras com outras tribos ou na fuga ao branco perseguidor. Mas os olhos argutos de Martinho sabiam enxergá-los onde outros só viam o verdor da vegetação, reconhecendo os "carreiros" que conduziam aos acampamentos. Tudo aprendeu por conta própria, em numerosas excursões e batidas, assimilando a maior quantidade possível de conhecimentos sobre a raça a que havia declarado uma guerra particular.

É verdade que raramente falava da chacina de sua família e não externava ressentimento ou desejo de vingança. Agia com naturalidade, como quem realiza um trabalho ou cumpre uma missão desagradável mas necessária e que exige precisão para ser executada com êxito.

Falava pouco, era fechado. Honesto no seu viver normal, era homem de extrema seriedade. Exigia que as índias aprisionadas, crianças ou adultas, fossem tratadas com o maior respeito. Chegou ao extremo de liquidar um de seus companheiros porque insistia em se aproveitar de uma menina índia, muito bonita, capturada numa investida na atual região de Ituporanga. Sua função era espantar, aprisionar e exterminar índios. "Sem-vergonhices" não eram permitidas.

Seu retorno das "caçadas" era sempre aguardado com interesse. As famílias abastadas ficavam ansiosas para adotar alguma indiazinha que fosse capturada, cuja distribuição era feita pelas irmãs, autorizadas por quem de direito.

É evidente que do ponto de vista da moral a atuação do bu-

greiro não tinha amparo. Ela no entanto não parecia afetar a sua consciência moral, tanto que não era um corrupto na vida privada e nas relações sociais. Era mesmo escrupuloso nos negócios e de extrema seriedade. Sua concepção moral sobre questões sexuais era rígida, como atesta o episódio da morte do homem que pretendia aproveitar-se da menina aprisionada.

É possível que no seu entendimento de homem simples julgasse legitimados ou até legais os seus atos em virtude do apoio recebido de autoridades e pessoas de destaque na comunidade. Outros problemas não penetravam nas suas cogitações.

A afirmação de que fosse um matador mercenário, um "deglador sanguinário de bugres", como proclamavam os que o combatiam, não se ajusta à personalidade e ao procedimento de Martinho.

Naqueles tempos não existia o **genocídio**, figura delituosa que é uma criação recente do Direito Internacional e foi inspirada pela 2a. Guerra Mundial. Pois Martinho Bugreiro seria sem dúvida o **executor de um genocídio** oficialmente declarado contra o gentio, nos termos em que hoje está previsto pela Lei n.º 2889, de 1.º de outubro de 1956, que pune esse delito no Brasil e "cujo endereço prático entre nós é essencialmente o silvícola" (5).

Mas é evidente que já na época sua atuação era criminoso, pois o **homicídio** e as **lesões corporais** (atualmente previstos nos arts. 121 e 129, do Código Penal) eram punidos. Sem falar na hipótese de ocorrência de outros

crimes contra a liberdade, o patrimônio e a saúde dos indígenas, com prováveis agravantes e qualificadores. E está claro que neles incidiam todos os membros do "esquadrão", mandantes, incitadores e demais implicados.

Ninguém, no entanto, tomou jamais qualquer providência contra eles, mesmo porque a **legítima defesa** ou o **estado de necessidade**, mesmo encaixados a martelo, deveriam funcionar como escudo contra eventuais dúvidas.

Tais as circunstâncias em que viveu e agiu Martinho Marcelino de Jesus, o Martinho Bugreiro. Apoiado por uns, era enaltecido como herói, homem de imensa coragem, pessoa indispensável à defesa dos interesses coletivos, cujos atos se situavam além do Bem a do Mal; combatido por outros, era apontado como o criminoso profissional, o sanguiná-

rio e vingativo degolador de bugres.

Silencioso, fechado em si mesmo, com seu ar tristonho, esse homem simples sentiria nos ombros o peso da terrível missão que o Destino lhe havia confiado

NOTAS

- (1) "A colonização italiana de Ascurra" (1876/1976) — Edição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" — 1976.
- (2) Op. cit., pág. 127.
- (3) "A proteção penal do silvícola", in JUSTITIA, n.º 111, out/dez/1980, S. Paulo, pág. 389. Também incidira em disposições do chamado "Estatuto do Índio", Lei n.º 6001, de 19 de dezembro de 1973.
- (4) "Blumenau em Cadernos", Tomo III, n.º 5, pág. 91.
- (5) Jorge Medeiros da Silva, op. cit., loc. cit.

Após 120 anos, cartas voltam a Blumenau

Cumprindo a promessa feita por carta ao prefeito Dr. Dalto dos Reis, em Novembro de 1983, o sr. Gerd Kramer — de Halle/Neustadt, na República Democrática Alemã — remeteu 16 cartas originais, de 100 a 120 anos de idade e escritas nos anos de 1861 a 1890 pelos imigrantes alemães Franz e Leopoldine Meyer de Blumenau.

Acompanha a doação duas fotos dos autores destas cartas históricas.

Em 2 de setembro de 1984, por ocasião das cerimônias simples — porém solenes — dos 134 anos de fundação de Blumenau, estas cartas foram entregues ao sr. Antônio Pedro Nunes, vice-presidente do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", pelo sr. Alfredo Wilhelm, amigo filatélico do sr. Gerd Kramer, doador das cartas históricas. Posteriormente estas cartas serão entregues ao Arquivo Histórico de Blumenau.

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

CINEMA EM BLUMENAU

Edith Kormann

(do livro "Histórico-sócio-cultural-artístico de Blumenau")

filme nº. 37 — (1970/1971) Canalização da Av. Beira Rio, Joinville — EJA/AJAO, S. Francisco do Sul, Camboriú, Gravatá e Piçarras, Rodovia do Turismo, Itajaí a I FIPACI;

filme nº. 38 — (1971) Pela BR - 101 Florianópolis, Laguna, Tubarão, Criciúma, Urussanga, Orleães, A catástrofe de Lauro Mueller;

filme nº. 39 — (1971) Visita do Presidente Médici, Heinz Geyer — 50 anos como maestro da S.D.M. "Carlos Gomes", Jaraguá, Rodeio;

filme nº. 40 — (1971) 2 de setembro de 1971 — desfile dos Atiradores, Desfile de 7 de setembro de 1971, Exposição Canina em 17/10;

filme nº. 41 — (1971) Batidas de automóveis, Joinville — EJA/AJAO, Indústria Têxtil Hering — churrascada na Ilhota, O circo "Vostok", Camping Club de Blumenau, Rua 15 no Natal de 1971;

filme nº. 42 — (1972) Camboriú, Pintor Manzke, Inauguração do Biergarten, O vapor Blumenau I e II, I Exposição Canina Nacional;

filme nº. 43 — (1972) Inauguração do novo Fórum, Agropec, Delfim Neto em Blumenau, Enchente de agosto, 2 de setembro, VI Famosc;

filme nº. 44 — (1972) Troféus dos Jogos Abertos, Desfile de Modas, Inauguração do Supermercado 25, Exposição de pinturas Manzke, Rademacker em Itajaí — almoço e vapor Blumenau, Inauguração do Supermercado Pfuetzenreuter no Garcia, Desfile de Natal das Lojas H. Macedo e enfeites da Rua 15;

filme nº. 45 — Balneário de Camboriú, O Refúgio, Casa caída na Velha, Inauguração da barragem de Taió, Inauguração do Hotel Paraíso dos Pôneis, Balneário de Camboriú/ — delfim e foca;

filme nº. 46 — (1973) Edifício em construção, Visita do Frei Braz, Circo "Orfei", Armação, Segunda enchente, As Misses de S. Catarina;

filme nº. 47 — (1973) Terceira enchente de agosto, Maiblumen — Wolfram, 7 de setembro, Blumenau à noite, Fonte luminosa;

filme nº. 48 — (1973) Recepção dos atletas dos Jogos Abertos, Crianças pintando tapume, Joinville — exposição de flores, Natal de 1973 — Desfile nas ruas de H. Macedo, Boi de mamão;

filme nº. 49 — (1974) Balneário de Camboriú, Jardim e Casa do Dr. Blumenau, Desabamento da Jorge Lacerda, Desfile do Lions Clube, Florianópolis — a nova ponte e o Carnaval à noite;

filme nº. 50 — (1974) Visita do Embaixador Alemão, Pomero-de — inauguração da Netsch, TV — Copa 74, Joinville — Expovilla 73, Danças folclóricas;

filme nº. 51 — (1974) Inauguração da filial do Supermercado Pfuetzenreuter na Rua 2 de setembro, Aerobacias com automóveis, Exposição de E. Teichmann na FURB, 2 de setembro de 1974 — vinda da urna com os restos mortais do Doutor Blumenau e desfile em Blumenau, Chinchila, Almirante Zimmermann em Blumenau, Natal de 1974. Enfeites na Rua 15;

filme nº. 52 — (1975/1976) Pomerode: 2 ursinhos, Escola de samba, Recepção de 175 atletas, Jogos de Chapecó, Natal de 1975, Balneário de Camboriú — 1976, Reflexos nos vidros do Moinho, Maiblumen — Wolfram, Liliputianos na Proeb, Dia dos Comerciantes, Stuttgart Karnevalsgarbe, Presidente Geisel em Blumenau, Inauguração da ponte José Ferreira da Silva;

filme nº. 53 — (1976/1977) Inauguração do Hotel Plaza, Natal de 1976, Desfile H. Macedo, Centenário do Colégio Santo Antônio, Florianópolis — carnaval/77, Calçadão, Festa dos Cantores no “25 de julho” (internacional), 2 de setembro de 1977 — Desfile dos Atiradores, Restaurante Toenjes;

filme nº. 54 — (1977/1978) “Aquarama-Revista”, Jogos abertos de 1977, Natal de 1977 com desfile H. Macedo, Corpo de Bombeiros, Inauguração da Artex, Kaffeehaus, Exposição Canina Internacional, Inauguração da Moellmann, Natal de 1978 com desfile de H. Macedo;

filme nº. 55 — Salto Capivari, Benedito Alto, Barragem de Ibirama, Inauguração do Banco Econômico, Rodovia em construção, Refúgio, Los Muchachos (artistas juvenis), Encontro de Orquestras de S. Catarina (160 músicos), Parada de 7 de setembro;

filme nº. 56 — (1979/1980) Flores na morada Schwerts, Jogos Abertos, Natal de 1979 — iluminação e desfile H. Macedo, Transmissão de Comando no 23º. Batalhão de Infantaria, Parada de 7 de setembro de 1980, XIV Convenção Estadual do CDL em Blumenau em 22/8/1980;

filme nº. 57 — (1980) Centenário da Cia. Hering, Bailado no Teatro “Carlos Gomes” — As três laranjas”, Natal de 1980 à noite e desfile H. Macedo, Canal de Fogo;

filme nº. 58 — (1981) CESC: festa para crianças na Rua Amadeu da Luz, Balneário de Camboriú, Florianópolis — desfile de blocos e carros carnavalescos premiados, Três carros batidos, Os 3 monumentos do escultor E. Teichmann, A praça Doutor Juscelino Kubitschek;

filme nº. 59 — (1980/1981) Enchente de 22/12/1980, O Refúgio, Exposição de pinturas de Orlando Ferreira de Mello, Exposição Canina, 23º. B.I. — desfile de bandeiras históricas, Maiblumen, Parque Jorge Buatim, As igrejas de Blumenau, Floresta Negra, Acrobacia na roda gigante, Residências, Raízes de uma figueira, Ginastas Internacionais na Proeb;

filme nº. 60 — (1981) O Refúgio, Parque de Diversões (12/10/1981) e dez mil crianças carentes, Aero Club — 4 novos paraquedistas, Jogos Abertos, Bailados Maria de Caro, Natal de 1981 e

desfile H. Macedo, Bailado no Teatro "Carlos Gomes", Pelo Natal — a represa Palmitos enfeitada de hortênsias.

Willy Sievert filmou em "Acontecimentos":

Blumenau pitoresco, Blumenau de ontem e Blumenau a Colônia; Recife e Salvador, Sul do país, Montevidéu, Buenos Aires, Bariloche, Nas margens do rio, Flores, Jardins, Casas, Dia do Colono em Ibirama (1953), A enchente de 1954, A Igreja Matriz, Brasília (1959), Centenário de Itajaí e Brusque, Rio, Juiz de Fora, S. Paulo, Santos, Vila Velha, Curitiba, Nova Friburgo, Primavera (1957), Tabajara Tênis Club, Caxias — festa da uva de 1965, Recantos e Encantos (1964), Londrina, Casamento Rosi, Blumenau e seus encantos, IV Famosc (1965), Vila Velha (1961), Impressões de uma viagem até Brasília — partindo de Brasília, S. Paulo X Fenit (1967), Recife 8a. Convenção CDL (1967), João Pessoa, Fortaleza, Salvador, Recantos e Encantos, Dia do Colono em Ibirama e 70 anos (1968), Goiânia 9a. Convenção CDL, XI Fenit de S. Paulo — agosto de 1968, Petrópolis 10a. Convenção CDL, 4a. Convenção CDL (1970), Casamento Tice-Itália, Casamento Paulo-Bila, S. Paulo XIV Fenit, Cataratas do Iguaçú, Assunção, 1a. Convenção CDL em Porto Alegre, 5a. Convenção Estadual CDL em Joaçaba (1971), 6a. Convenção Estadual CDL em Lages (1972), Manaus, Belém, Catástrofe de Tubarão, 3a. Convenção CDL — Tubarão, Florianópolis, Chapecó, Rio de Janeiro CDL (1974), CDL Convenções em Belo Horizonte, Lages (1975), Rio de Janeiro e Joaçaba (1977), Recantos e Encantos — 4, Rio de Janeiro — Convenção de 1974, Convenção em Recife, Foz do Iguaçú.

Nos filmes "Família" ou "Pessoais"; Willy Sievert filmou a partir de 1953, os melhores momentos dos seus filhos, netos, demais familiares e amigos. Alguns de seus filmes foram exibidos diversas vezes, principalmente "Primavera", só de flores, que sempre agradava muito. Willy Sievert é um autêntico cineasta amador, que no decorrer dos 31 anos de filmagens reuniu um respeitável acervo de filmes, nos quais fixou, além de outros, os maiores e melhores momentos da nossa comunidade e também as grandes tragédias, deixando para a posteridade um documento vivo, vasto e honesto.

Após anos de exibições cinematográficas, em salas especiais, salões adaptados, e nos mais diversos locais, os cinegrafistas, principalmente os ambulantes, que percorreram todo o Vale do Itajaí, carregando o seu equipamento, às vezes, em condições as mais adversas para proporcionar aos seus espectadores inclusive do interior, inesquecíveis momentos de lazer e conhecimentos, bem como os cineastas amadores, que com o seu documentário nos faz hoje, reviver o ontem, e que além de filmarem fatos históricos e outros, possuem a sensibilidade de Willy Sievert que madrugou muitas vezes para filmar o desabrochar de uma flor, todos, indistintamente, envolvidos com a maravilhosa sétima arte, participaram do contexto histórico da nossa comunidade.

Obs. Segundo Willy Sievert, os filmes sobre Blumenau serão doados ao Arquivo Histórico Municipal de Blumenau, "Prof. José Ferreira da Silva", pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau".

Festa do Imigrante em Blumenau repercute em Hamburgo

"Hamburgo, 29 de junho de 1984

Snr. Prefeito
Dr. Dalto dos Reis
"Prefeitura Municipal"
89100 Blumenau (SC)
BRASIL

Prezado snr. "Oberbuergermeister",

O snr. Prefeito Dr. von Dohnanyi nos remeteu a sua prezada carta do dia 22 de maio de 1984. Foi com o maior interesse que tomamos conhecimento, que algumas ruas de sua cidade receberão nomes de cidades alemãs.

Para os festejos alusivos ao dia "25 de julho de 1934", infelizmente não temos condições de enviar um representante de nossa cidade. Refletindo sobre a maneira de colaborar de uma ou outra forma com estes acontecimentos festivos, chegamos a seguinte conclusão:

Também em Hamburgo — o que de certa forma não surpreenderá — existe uma "Hamburger Strasse" (Rua Hamburgo). Trata-se de uma via muito frequentada, geralmente de seis pistas e que passa por um dos bairros mais populosos. Acharão a situação desta rua no mapa da cidade que remetemos junto, no quadrado 8 AB.

Em mala separada remetemos-lhe um "letreiro de rua" (original), igual aqueles encontrados nos cruzamentos, respectivamente nas entradas para esta via pública. Esperamos que os senhores acharão um lugar adequado para esta saudação de Hamburgo.

Finalizando, chamamos a atenção para o fato, que bem perto desta "Hamburger Strasse" achamos uma bonita rua residencial com o nome de "BLUMENAU" — (quadrado 8 C).

Na esperança, que a sua semana festiva (1a. Festa do Imigrante Alemão) transcorra em plena harmonia e com bastante sucesso,
atenciosamente

Werner Spaeth

Secretário da Economia, Turismo e Agricultura".

Tradução do alemão

(Alfredo Wilhelm — 27 - 8 - 84)

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

O MAIS IDOSO INDUSTRIAL DE SANTA CATARINA

No ano longínquo de 1916, quando Jaraguá do Sul não passava de uma pequena vila do interior, ali se estabeleceu um pequeno curtume, num galpão de madeira tosca de 6x10 metros, ao preço de 700 réis por metro corrido. A propriedade, adquirida junto com uma pequena casa de enxaimel, situava-se a pouca distância da vila de Jaraguá, no caminho de carroças que levava a Pomerode. A casca de curtir os primeiros couros era picada à mão, com machatlinha, muitas vezes até às 10 horas da noite, para manter a "indústria" funcionando. No outro dia, a casca picada ia para um pilão movido a roda d'água, quando a esposa ajudava no trabalho noites e madrugadas adentro, alumando com a lamparina de querosene.

Arnoldo Leonardo Schmitt, passados quase 70 anos depois da "inauguração" do seu minúsculo curtume solitário em plena Primeira Guerra Mundial, está completando 83 anos de idade em agosto de 1984, olhando hoje para a **Comércio e Indústria Schmitt Ltda.** com o mais desvanecido orgulho de pioneiro. Em todo caso, um dos pioneiros do parque industrial de Jaraguá do Sul, hoje o terceiro do Estado. Começou curtindo uns poucos couros de

boi, suíno, veado e bezerro que houvesse, tudo à mão, noite e dia, sozinho. Hoje, ajudado por alguns de seus filhos sócios na indústria, é ainda presidente e principal administrador da empresa. O Curtume Arnoldo Schmitt não pertence, evidentemente, à dúzia das indústrias de ponta do parque



Arnoldo Leonardo Schmitt

industrial de Jaraguá, mas não deixa de ser uma poderosa empresa de suporte, das principais, obra da persistência de um ho-

mem, que sobreviveu a toda a evolução industrial invejável daquele moderno e formigante centro de trabalho, para o qual foi dos que colocaram a primeira pedra, com a vantagem de ser hoje o único ainda vivo daqueles pioneiros de começo do século, e ainda dirigindo seu curtume.

Em mais de 3.000 metros quadrados de área coberta, a indústria, dentro da crise geral que assola o País, trabalha a pleno vapor, dentro do ritmo que a mesma crise e a disponibilidade de matéria prima permitem, à razão de 2.000 couros de boi por mês. Seus dois moinhos podem moer até 1.000 quilos de casca por hora, e seus 30 tanques para curtição preliminar gastam até 30 toneladas de casca de acácia e de extrato de acácia por mês. Há em operação permanente 12 enormes cilindros de rotação elétrica, máquinas importadas de descarnar, dividir, alisar, prensar e lustrear solas e vaquetas. Presentemente, o curtume fornece para dentro e fora do Estado 7 qualidades de sola e couros de bezerro.

Arnoldo Leonardo Schmitt nasceu a 21 de agosto de 1891 na velha Colônia Imperial de São

Pedro de Alcântara, onde em 1829 se estabeleceu a primeira comunidade alemã de Santa Catarina. O pai, Adão Nicolau Schmitt era bisneto de João Pedro, um dos fundadores daquela colônia, nascido em Brohl, região do rio Mosela, e casado na Alemanha no ano de 1814. Da família Adão Nicolau Schmitt e Maria Luisa Deschamps nasceram em São Pedro 14 filhos, dos quais Arnoldo foi o terceiro. Casado em Blumenau, em 1915, com Otilia Pirin, veio morar em Jaraguá no ano seguinte. Tiveram 15 filhos, dos quais os 14 vivos estão festejando os 93 anos do pai, hoje certamente o mais idoso patriarca na comunidade urbana de Jaraguá do Sul, que na grande casa construída em 1934, no mesmo lugar da primeira, pôde celebrar suas bodas de ouro, de diamante e de ferro, estas últimas em 1980. Em 1975, por ocasião das bodas de diamante, ao lado de sua heróica esposa, recebeu o título de Cidadão Honorário de Jaraguá, em sessão solene da Câmara dos Vereadores. Com 93 anos, ainda guia seu Maverik pelo movimentado trânsito de Jaraguá, motorista mais idoso da comunidade.

F.E.S. — Blumenau

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE PAUL SCHWARTZER

(Conclusão do número anterior)

Lá meu pai com sua profissão ganhou algum dinheiro, minhas irmãs por meio de costuras e assim eles economizaram tanto que após uma permanência de sete semanas puderam iniciar a viagem para Sta. Catarina, onde nós ficamos novamente reunidos.

Decidimos então o que deveríamos fazer e eu fiz a proposta de ir para uma colônia, pois em Sta. Catarina não havia possibilidades fa-

voráveis para nós, especialmente porque o aluguel de casa era muito caro. Todos nos aconselharam a ir para a colônia Brusque que somente há cerca de 4 anos existe e pela qual o governo está fazendo muita coisa. Fomos até a casa de recepção para colonos e nos inscrevemos com um funcionário do governo. Em face disso fomos atendidos diariamente e suficientemente em todas as nossas necessidades. Logo após nossa chegada nesta casa de recepção apareceu uma mulher muito bem vestida, que estava alojada na mesma pensão, com 2 crianças. Como ela nos contou, seu marido, de nome Kühne, viajara até a colônia Brusque para se orientar um pouco por lá, pois ele também tinha a intenção de ficar nela. Ele havia partido oito dias antes de minha saída de São Lourenço e eu diversas vezes ouvira falar nele, sem o conhecer. Após alguns dias, ele retornou de sua viagem à colônia Brusque. Seu aspecto, porém, causou em todos nós a impressão mais desagradável. Eu ainda não havia visto um rosto no qual se espelhassem tão nitidamente ironia, desdém pelos outros e descontentamento consigo mesmo, como naquele homem. Numa palavra, ele tinha um comportamento sombrio e repugnante. Tanto quanto podíamos, nos mantínhamos afastados dele. Infelizmente nós teríamos que conviver com essa família quase 3 semanas na casa de recepção, antes que uma fragata estivesse pronta para nos receber a bordo.

Quando finalmente chegou a ocasião, fomos levados para a fragata, que deveria velejar até o porto de Itajaí. Na fragata foi desagradável e muito apertado, porque, além de nós e a família Kühne, mais 1 família da Westfália e 2 famílias belgas também viajavam.

Porisso ficamos contentes quando, após uma viagem de quase 24 horas, chegamos ao porto de Itajaí. A entrada na foz do rio Itajaí é muito rochosa e porisso muito perigosa (já naufragaram ali muitos navios).

O capitão da nossa fragata pediu que um piloto prático nos guiasse até o porto.

A vila Itajaí fica muito bem situada em uma bonita planície de vale na foz do Itajaí.

A margem esquerda é muito baixa e coberta por mata, a qual é composta quase que só por belas palmeiras. Na margem esquerda fica a vila entre inúmeros laranjais e diante dela alguns navios. Velejamos com nossas fragatas ainda um pedaço rio acima, até uma casa de recepção, que é destinada aos colonos que se destinam a Blumenau e Brusque. Fomos desembarcados com nossos pertences e tomamos posse da casa de recepção. Como então soubemos, achava-se na ocasião ali o diretor da colônia Brusque, barão von Schneeberg, hospedado no hotel que ficava perto da casa de recepção. Na manhã seguinte, após nossa chegada, estávamos sentados sobre uma esteira, segundo o uso da terra, almoçávamos quando, ele nos fez uma visita ocasião em que se mostrou extremamente atencioso para conosco. Era um homem idoso, bigode e cavanhaque brancos. Era do Tirol e foi oficial austriaco. Encontrava-se já há muitos anos nesta terra.

Tivemos que permanecer naquela casa de recepção cerca de uma semana, até que finalmente veio um bote da colônia para trans-

portar nossas coisas. Minha mãe e irmãos e a mulher do Kühne foram instalados no bote, enquanto meu pai, Kühne e eu seguimos a pé até uma pequena hospedaria que fica situada perto do rio Itajai-Mirim, o afluente do grande Itajai, e esperamos lá a chegada do bote, o qual ancorou até a manhã seguinte já que não estava longe de anoitecer.

O diretor Sr. Barão von Schneeberg também chegou logo após em sua canoa.

Ele encomendou para todos, por sua conta, um bom jantar, durante o qual todos sentamos à uma mesa. Na outra manhã o diretor chamou, depois de um bom almoço pago por ele, uma canoa com dois homens (1 branco e 1 mulato) os quais iriam levar minha mãe, minhas irmãs e a mim até a colônia. Também meu pai deveria ir junto, mas ele preferiu fazer a viagem no bote para poder ficar junto de nossas coisas. Viajamos, pois com a canoa para a colônia, rio acima. A viagem ia quase a maior parte entre mata virgem, que me pareceu bem perto da margem do rio, num aspecto completamente novo. Do solo até acima das mais altas árvores enrolavam-se trepadeiras em um emaranhado tão denso, de modo a formar verdadeiras cortinas, que impediam a vista para o interior da mata. Em outros lugares estas plantas formavam caramanchões naturais e estavam a todo momento enfeitadas com belas flores.

De vez em quando víamos belas plantações de cana, milho, etc. Também passávamos por serrarias.

Desta forma passou-se o dia, se bem que a chuva constantemente alternava com o sol, bem agradável.

Quando chegou a noite e muito tarde para continuar a viagem, nossos guias entraram em um ribeirão e amarraram a canoa, enquanto o homem branco me dizia que nas proximidades morava o seu cunhado, que nos receberia certamente com prazer. Aceitamos o convite e então ele nos guiou por um pedaço bem longo, sobre um grande pasto que pertencia a uma serraria, até que finalmente chegamos a uma pequena casa, de madeira, onde fomos recebidos amavelmente pelos moradores da casa, (um homem jovem com uma jovem mulher).

A mulher preparou um bom café e mais tarde nos acomodou em boas camas.

Na manhã seguinte, quando tomamos café, procuramos pagar nossa hospedagem, mas recusaram tudo firmemente. Pois os brasileiros se destacam por uma hospitalidade verdadeiramente paternal.

Presenteamos, pois as crianças com alguma coisa, agradecemos e fomos em direção ao rio.

Continuamos a viagem por água e chegamos por volta de 11 horas na praça da colônia de Brusque.

Na margem já nos esperava o diretor, o qual ainda na noite anterior havia chegado em sua canoa, nos recebeu outra vez muito amavelmente.

Ele guiou-nos até uma venda onde saboreamos ótimo almoço e tomamos bom vinho.

Mais tarde fomos informados de que o governo ajuda, com determinada soma, cada mês, todo colono que chega segundo o número de pessoas de sua família, e que nós receberíamos a quantia de 60 mil réis, durante 6 meses. Esta é a quantia mais elevada que realmente é dada como subsídio. A comunidade surpreendeu-nos naturalmente de forma muito agradável. A seguir foi-nos indicada a casa de recepção da colônia, que era uma cabana grande, mas ruim e condenada, de tronco de palmeira com telhado que é feito com as folhas de uma espécie de palmeira bem pequena (esta espécie de telhado é a mais barata aqui nesta colônia e porisso também a mais abundante).

Aquí nos instalamos tão bem quanto foi possível, até que o pai chegasse com o bote o que só aconteceu dois dias depois. O bote levou três dias de viagem e durante este tempo choveu quase sem parar, de modo que nosso pai chegou completamente molhado da triste viagem. Nossas coisas por sorte quase não se molharam.

No dia seguinte à chegada, meu pai recebeu uma encomenda de um armário para livros, do Barão von Schneeberg e desde então ainda não lhe faltou trabalho, ainda mais que ele sempre teve mais encomendas para fazer do que podia atender.

Como a praça ainda é muito pequena (há só umas poucas casas), meu pai quer ficar por aqui apenas mais um tempo mas preferivelmente um dia irá para uma colônia de maior porte".

Fim.

Importante intercâmbio entre Blumenau e Wolfsburg

Carta do prefeito Lamberg ao prefeito Dalto dos Reis

(Tradução de Alfredo Wilhelm)

"Wolfsburg, 29.6.1984

Prefeito
Dr. Dalto dos Reis
Prefeitura Municipal
Blumenau — SC
Brasil
Prezado Senhor Prefeito,

Meu "muito obrigado" pela sua excelente e bonita placa, lembrando a minha exposição "Blumenau no Brasil", apresentada nas cidades de Braunschweig e de Wolfsburg. Também no futuro cuidarei dos contatos amigáveis entre as cidades de Wolfsburg (Alemanha) e de Blumenau (Brasil). Assim posso-lhe oferecer um lugar de estágio prático no Hospital, no Serviço de Proteção ao Menor ou no departamento de obras e planejamento de nossa cidade. O candidato receberá alojamento e refeições, e, mais uma gratificação mensal de DM 300,00 (marcos alemães). Talvez o senhor possa indicar um inte-

ressado e que possua também certos conhecimentos da língua alemã.

Também gostaria de repetir o meu desejo, que o sr. venha visitar a Alemanha e ser também hóspede da cidade de Wolfsburg. Teremos o máximo prazer em mostrar-lhe a maior fábrica automobilística da Europa e em especial, a assim chamada "Via dos Robôs".

Para o próximo verão europeu, ou seja para o mês de julho/agosto de 1985, planejo mais uma viagem ao Brasil. Nesta ocasião pretendo visitar a família Hering em Blumenau e realizar algumas palestras na FURB — em língua alemã, ou talvez em inglês.

Por enquanto — mais uma vez os meus sinceros agradecimentos pelo envio da condecoração, a qual também aqui chamou bastante atenção. O Consulado-Geral do Brasil acompanha com extraordinário interesse os contatos entre Wolfsburg e a Blumenau Brasileira.

Cordiais saudações ,

Professor Dr. Peter Lamberg

(prefeito administrativo de Wolfsburg)"

A História de Blumenau Revela:

Carta do Colono Franz Sallentien a sua irmã na Alemanha fazendo convite para ser madrinha do filho que nasceu a poucos meses e narra aspectos da vida colonial.

"Itajaí 28 de agosto de 1854.

Minha querida Irmã Luise.

Enquanto escrevo estas linhas, ouço minha filhinha na outra sala, no seu berço, a papaguear alegremente ao lado de sua mãe sentada no sofá, descascando batatas para o almoço. É uma criança sempre alegre e saudável, e a nossa alegria com ela é grande. Se pudesses ver o quadro feliz e tranqüilo da nossa pequena família, compreenderias mais ainda como sou feliz! O bebê já tem três meses e logo mais na próxi-

ma vinda do pastor de Dona Francisca, ela será batizada.

Querida irmã, gostaríamos que fosses a sua madrinha, junto comigo de padrinho. Mas como não poderás vir aqui infelizmente, e como sei que não te negarias, a minha mulher te substituirá no batizado. Já chamamos a menina pelo teu nome — Luise. Pensaremos muito em ti no dia do batizado da nossa filhinha. Que Deus dê a sua benção a ela e faça-a crescer cheia de saúde, bondosa e alegre agora e sempre é o nosso maior desejo.

Se a saúde permitir e os negócios continuarem bons, tenho a esperança de poder voltar algum dia para visitar vocês e deixar a pequena Luise por alguns anos contigo, para aprimorar a

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

sua educação, se quiseses. Mesmo se ainda demorar muito já estamos contentes nesta expectativa e vivemos em tranqüila esperança para o que der e vier.

Estás zangada, por certo já que há tanto tempo não te escrevo, mas não era possível. Se soubesses tudo o que aconteceu nestes últimos 3 meses, coplenderias. Tive muito o que fazer. As **enchentes** aumentaram de tal forma o meu serviço que muitas vezes não consigo fazer tudo sozinho. Dois meses estive fora no mato, para colocar novamente em ordem os trabalhos das serrarias. Neste entre-tempo minha mulher teve que tratar dos meus negócios aqui embaixo. Um dia antes da Páscoa consegui deixar tudo em dia nas serrarias e assim chegamos ainda a uma bem alegre festa de Páscoa. Entretanto muita coisa aqui ficou para trás, durante minha ausência, de modo que ainda tenho bastante para fazer. Meu serviço não tem fim, por enquanto. Mas, na hora que o Gaertner voltar, terei mais calma. Minha mulher teria escrito algumas linhas se tivesse tempo, nias estamos sozinhos pois não queremos empregada, em parte para economizar e também porque assim estamos mais à vontade.

Assim podes imaginar a trabalhadeira que também minha mulher está tendo. Cozinhar, lavar roupa, limpar a casa e ainda cuidar de um bebê, no fim não sobra tempo. Eu então muitas vezes quando tenho tempo ou alguma folguinha sou a ama-seca, o que aliás gosto muito de ser, é lógico. E é muito melhor assim do que colocar uma pessoa estranha. O meu empregado negro, muito efi-

ciente ainda à noite carrega água e lenha para dentro o que ajuda bastante. Terias gosto de ver a minha pequena família e a casa! Os negócios não vão mal, embora tenham-se atrasado muito com as enchentes, tivemos um prejuízo de pelo menos 3.000 mil réis, mas espero que até o fim do ano que vem tenhamos nos recuperado. E o que é que tem, se de fato 1.000 mil réis a mais ou a menos, não sou tão ligado assim no dinheiro, que agora vou lamentar o que perdi! Era para ser assim e enquanto não tem prejuízo causado por culpa minha posso estar tranqüilo.

No mais não há novidades. O Kellner está recuperado e trabalha há muito tempo. Para os próximos meses está sendo planejada uma verdadeira **guerra contra os bugres**, está havendo um verdadeiro armamento! Se eu e o Kellner tivermos tempo iremos também. O Gaertner vai lamentar de não poder acompanhar esta aventura. Fora isto fundamos uma sociedade para extrair ouro, que logo mais entrará em funcionamento logo acima das minhas propriedades. Já **foi encontrado ouro**, mas os trabalhos preliminares estão difíceis. O Diretor da Sociedade é um californiano, que afirma existir mais ouro aqui do que mesmo na própria Califórnia. Vamos esperar. Estou mais interessado no desenvolvimento do lugar, para quando houver uma "corrida de ouro" do que na extração propriamente dita deste precioso metal. Pelas coisas que nos enviaste agradecemos muito, principalmente a minha mulher gostou muito do tecido que ela guardará com carinho em memória da nossa querida mãe. Quase

tudo ela mesma vai pagar da quantia semanal que recebe de mim. A conta poderá arrumar com o Gaertner e nos enviar depois. Muitas lembranças para ti da minha mulher, e para todos o que se lembram de mim com alegria.

Teu Irmão Franz."

—————

Declaração de Gustavo Labes, antigo oficial do Exército da Prússia, prestando conta dos seus serviços durante os meses de março a outubro de 1860 na Colônia de Blumenau.

"Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente da Província.

Diz Gustavo Labes, antigo oficial do Exército da Prússia, e cidadão brasileiro que, tendo pela Diretoria desta colônia sido temporariamente ocupado, mediante salário de dois mil réis por cada dia efetivo de trabalho, para compor mapas para o expediente da

Diretoria e outros fins de serviço, desenhar e copiar esboços nos títulos e no Registro dos mesmos e executar outros urgentes trabalhos gráficos, e enfim, para rever e retificar, depois de minuciosa conferência entre si e com os diferentes mapas e medições antigas e recentes, o Livro dos Tombo e anexos e as averbações, nelas feitas desde Japeiro do ano de 1860, não se tendo subtraído a trabalhar mesmo em diferentes dias feriados e em alguns casos de grande urgência até alta noite como Diretor. Ele teve dias de efetivo serviço nos meses de:

Março	27;
Abril	25;
Maió	24;
Junho	25;
Julho	23 1/2;
Agosto	23;
Setembro	25;
Outubro	24;
Total	196 1/2 dias

dos serviços, aos quais, a 2\$000, corresponde a importância de Rs 393\$000."

Em Maio de 1966, José Ferreira da Silva, publicou no jornal A VANGUARDA, um artigo, que, por julgá-lo servir

aos pesquisadores da geografia humana de Blumenau, o publicamos em "Blumenau em Cadernos" a seguir:

Particularidades interessantes

Prof. José Ferreira da Silva

O desembargador Lourenço Mário Prunes, que esteve nesta cidade realizando várias pesquisas sobre acidentes do trabalho e geografia humana, colheu detalhes interessantes sobre Blumenau. Por exemplo: "Inúmeros industrialistas, respondendo ao questionário que formulei, tor-

nam certo que há desemprego em Blumenau. A mesma informação me prestaram líderes sindicais, que comigo se reuniram em "mesa redonda". Contudo, acredito que o desemprego seja moderado. "Outro: "SUB-EMPREGO: Não seria lícito por em dúvida os informes que recebi a respeito do

desemprego. Contudo tenho uma informação valiosa a respeito de subemprego: em Blumenau não existem lavadores de automóveis, desses que encontramos nas grandes cidades (em Porto Alegre são praga) e mesmo em comunidades urbanas de tipo médio. Para lavar um automóvel, aqui, só mesmo nos postos de lubrificação. Certo dia vi um rapaz novo lavando um automóvel. Entendi que estava resolvido o meu problema (muitas vezes eu mesmo passo um pano no "Sinca") e lhe pedi que depois lavasse o meu. A resposta foi tanto desconcertante: "Eu só lavo o meu". Como é fácil de calcular, tive que me desmanchar em desculpas...

Quanto ao credo religioso, há estas observações: "Conferindo fichas de alunos pertencentes a sete escolas de grau médio e elementar (do Estado e do Município, pagas umas, outras particulares) encontramos 713 católicos, 276 protestantes, sobretudo evangélicos e 14 de outras religiões. No efetivo de 954 operários de 7 fábricas (os totais mostram divergências, conforme a natureza dos dados, porque a pesquisa se torna por vezes mais extensa: no tocante a alguns aspectos), registramos 656 católicos, 281 protestantes e 15 de outras religiões. No cômputo final a respeito de 2.029 pessoas: católicos 1.419 (69,9%), protestantes 579 (28,6%) e crentes de outras religiões 31 (1,5%). Cremos que essas percentagens definem, numericamente pelo menos, os dois principais grupos. Teríamos assim, na cidade de Blumenau 41.000 católicos e 17.100 protestantes, principalmente evangélicos.

E estas observações pitorescas: "Na missa de Domingo de Ramos, na Igreja de Itoupava Seca, (católica), estavam presentes 750 fiéis; na frente e ao lado do templo contamos 20 automóveis, 18 motos e lambretas e 405 bicicletas. Mais da metade da gente que assistia a missa locomovia-se sobre duas rodas."

"Entre 207 soldados pesquisados (incluindo poucos oficiais, sargentos e cabos), mais ou menos 27% são lavradores na vida civil. Também não é pequeno o número de tecelões fardados".

"Cor dos cabelos: Durante um culto na Igreja Evangélica de Itoupava Seca (mais ou menos 6 quilômetros do centro) estavam presentes 160 crianças de menos de 10 anos. 130 eram loiras e 30 de cabelos castanhos".

"Lavradores soldados; — Os soldados, lavradores na vida civil, têm um peso médio superior ao dos soldados em geral (Sempre no 23º. R.I.)".

"Na procissão de Sexta-Feira Santa, admirável espetáculo de fé, e ao mesmo tempo de ordem e disciplina, que se prolongava por mais de um quilômetro (os participantes desfilavam em duas fileiras laterais, de dois em dois) contamos quase 6.000 pessoas, sem incluir os assistentes das calçadas. Cor da pele dos desfilantes: 5.660 brancos (95,5%) e 260 pretos e pardos (4,5%) percentagens arredondadas).

"Na pesquisa referente à cor da pele, além dos dados contidos e fichas, que incluem cerca de 2.500 pessoas de todas as idades, contamos mais de 24 mil pessoas, em lugares e horas diferentes (mais de um terço da população da cidade), Entendemos, com as

devidas reservas (até apuração final) que a percentagem de pessoas de cor, na área urbana, é de 4% em relação à população total”.

“Entre 969 operários: Os 10 operários mais pesados (um em cada fábrica) apresentam a média individual 90,200kg. Dois tem 98

quilos: um na Eletro Aço, com 22 anos e 1,82 de altura, outro na Kuehnrich, com 1,74 de altura e 36 anos.”

“Compulsando os últimos dados estatísticos concluímos que a gente de Blumenau (1965) paga aos três fiscos, por ANO E PER-CÁPITA, Cr\$ 230,000”.

Min. do Interior da Alemanha, Dietmar Schlee em Blumenau

Alfredo Wilhelm

Uma das visitas mais ilustres durante a “1ª Festa do Imigrante Alemão”, foi sem dúvida, a visita oficial do Ministro do Interior do Estado de Baden-Wuerttemberg — da República Federal da Alemanha — sr. Dietmar Schlee. Con-

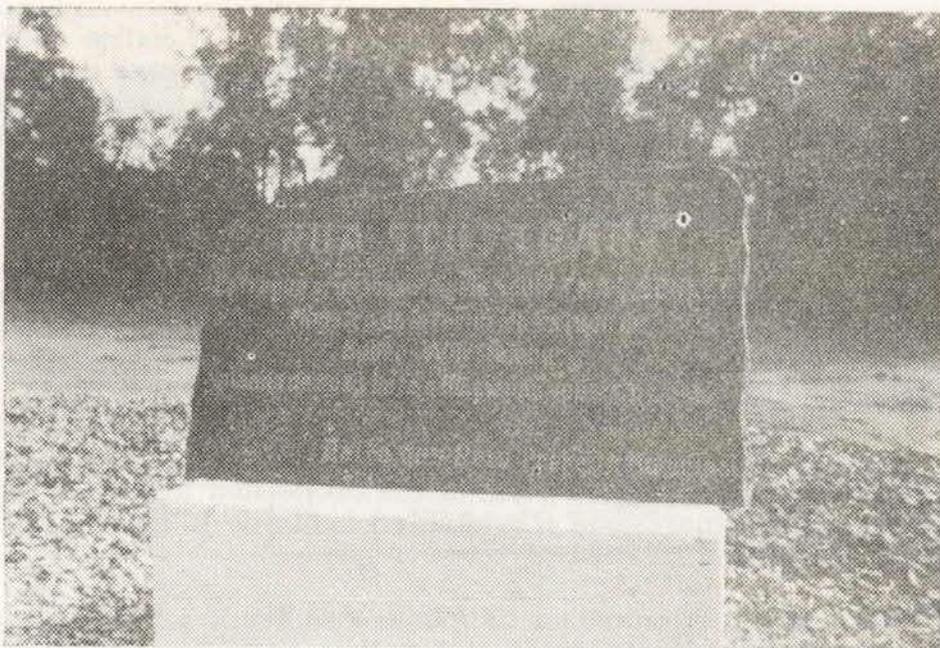


Dietmar Schlee

vidado pelo sr. prefeito Dr. Dalto dos Reis e pelo Secretário de Turismo sr. Antonio Pedro Nunes, o Ministro — acompanhado

de sua digníssima esposa, seu Assessor de Imprensa sr. Rainer Knubben, e pelo Presidente do Distrito de Baden-Wuerttemberg da Sociedade Teuto-Brasileira, deputado Dr. Guenther Steeb e esposa — chegou a Blumenau, na manhã do dia 27 de julho de 64, vindo do Aeroporto de Florianópolis, em companhia do Cônsul Geral Dr. Hasso Freiherr von Maltzahn (Curitiba) e o Cônsul Honorário Hans Prayon, de Blumenau.

A recepção oficial teve lugar no Salão Nobre da Prefeitura, contando com a presença do prefeito e seu secretariado e autoridades do município. — O Ministro — no decorrer do seu brilhante discurso de improviso — disse ser portador de uma mensagem de felicitações e saudações por parte do prefeito de Stuttgart (Capital de Baden-Wuerttemberg) sr. Manfred Rommel — filho do legendário marechal Erwin Rommel. Outrossim, trouxe uma carta do sr. Rolf Gerich (prefeito de Weingarten, com a qual Blumenau mantém um “parcerismo de bandeiras) e, como presente, um lindíssimo quadro, mostrando em vidro multicolor e transparente, o brasão desta cidade amiga.



Cumprindo um extenso programa — muito bem elaborado pelo sr. Vilarino Wolff, Chefe de Gabinete do Prefeito — o Ministro entregou simbolicamente ao tráfego a “Rua Stuttgart” (Portal da Saxônia), no Bairro da Ponta Aguda (foto). Em visita ao Mausoleu Dr. Blumenau, o min. depositou uma coroa no túmulo do fundador da cidade. — Constatou da programação também uma visita ao distrito de Vila Itoupava — cujo aspecto romântico não difere em nada de uma pequena cidade da Alemanha, segundo as

palavras do Ministro Schlee.

Por ocasião da despedida dos visitantes, o Ministro agraciou com uma medalha de prata o Cônsul Geral von Maltzahn e o Cônsul Honorário de Blumenau. Para o prefeito dr. Dalto dos Reis uma surpresa: um relógio cuco, típico da Floresta Negra, que faz parte do Estado de Baden-Wuerttemberg.

Exatamente dez dias após a partida do Ministro do Interior Dietmar Schlee, Blumenau sofreu a repetição da endemite catástrofica de 1983.

Aconteceu...

Agosto de 1984

DIA 1º. — Segundo informações do diretor administrativo da Proeb, Sr. Harold Letzow, cerca de 30 mil pessoas participaram da 1ª. Festa do Imigrante Alemão, realizada no mês de julho, e promovida pela Secretaria de Turismo da Prefeitura de Blumenau.

* *

DIA 2 — A imprensa local divulgou neste dia que o custo de

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

vida em Blumenau no mês de julho subiu 13,63%. O índice anunciado foi tomado pelo Núcleo de Pesquisas Sociais (Nupes) da Fundação Educacional da Região de Blumenau. Segundo o professor Pedro Paulo H. Wilhelm, responsável pelo levantamento do IPC — Índice de Preços ao Consumidor — a variação acumulada nos últimos seis meses foi de 70,54%, e a acumulada nos últimos 12 meses foi de 189,26%.

* *

DIA 3 — Neste dia a Escola de Auxiliar de Enfermagem de Blumenau, que funciona junto ao Hospital Santo Antônio, completou 25 anos de atividades. Desde sua criação, em 1959, formaram-se 644 profissionais.

* *

DIA 7 — A chuva que desde o dia 5 caiu em todo o Vale do Itajaí atingiu o nível de 15m 67cm acima do normal neste dia. Todos os problemas que marcaram a grande enchente de julho de 1983 voltaram a ocorrer.

* *

DIA 14 — A comunidade blumenauense, tendo à frente um grupo de empresários locais, velou e sepultou simbolicamente o Sr. Mário Andreazza, Ministro do Interior. O "feretro" percorreu as principais ruas do centro da cidade.

* *

DIA 18 — Em sessão realizada neste dia, o Conselho Municipal de Cultura elegeu e deu posse a sua nova diretoria. Guido Heuer e Vilson do Nascimento foram eleitos respectivamente presidente e vice-presidente do Conselho. Beatriz Niemeyer foi eleita secretária, e Carla Cristina Donner permanece na secretaria-executiva.

* *

DIA 24 — Conforme levantamento procedido pelo Departamento Municipal de Trânsito, e publicado no "JSC" no dia de hoje, registrou-se em 83, em Blumenau, 2.958 acidentes com um saldo de 20 vítimas fatais. No corrente ano, até o mês de julho, ocorreram 1.780 acidentes com 18 mortes.

* *

DIA 25 — Nesta tarde, por volta das 16,30 horas, nevou em Blumenau. A precipitação de neve deu-se nos pontos mais altos da cidade, notadamente no Morro do Cachorro onde estão instalados os transmissores da TV coligadas de Blumenau.

* *

DIA 29 — O Prefeito Dalto dos Reis recebeu o relatório de atividades da Secretaria de Agricultura de Blumenau — SEAGRI —, referente ao mês de julho. O documento destaca a distribuição de mais de 4 toneladas de verduras, 679 dúzias de ovos e temperos à entidades assistenciais.

HABITASUL É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.
--

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA